O VAMPIRO Hugo

Reino de Sangue

anthology

GABRIEL ARRUDA BURANI

O VAMPIRO

Hugo

REINO DE SANGUE

GABRIEL ARRUDA BURANI

O VAMPIRO Hugo

REINO DE SANGUE

anthology

EDITORA MULTIFOCO

Rio de Janeiro 2011

EDITORA MULTIFOCO
Simmer & Amorim Edição e Comunicação Ltda.
Av. Mem de Sá, 126, Lapa
Rio de Janeiro - RJ
CEP 20230-152

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Guilherme Peres

Hugo, o Vampiro - *Reino de Sangue*
BURANI, Gabriel Arruda
1ª Edição
Junho de 2011
ISBN: 978-85-7961-433-0

Todos os direitos reservados.
É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem
prévia autorização do autor e da Editora Multifoco.

Aos meus pais,
que me ensinaram como suportar o peso da coroa
que carrego nas responsabilidades da vida

Agradeço aos meus pais, pelo apoio irrestrito aos meus projetos, mesmo que incomuns. Agradeço meus leitores e amigos, que opinaram, apoiaram e esperaram ansiosos por mais esta viagem em minha mente criativa.

SUMÁRIO

I. Os Visitantes do Rei.....13
II. Os Flagelados de Deus.....29
III. Os vassalos de Beznã-Ateriza.....37
IV. Planos.....53
V. As bodas reais.....61
VI. O Jardim da Rainha-Mãe.....73
VII. As Núpcias.....89
VIII. Boas novas vindas da fronteira.....101
IX. O Moinho.....111
X. O rei disfarçado.....131
XI. A batalha de Hécate.....143
XII. Titis e o estranho baronato de Yrzac 155
XIII. O Último Barão Trionic de Wensi 165
XIV. O Príncipe.....175
XV. Decisões da rainha.....183
XVI. O pergaminho.....191
XVII. Partida para Ladiesland.....199
XVIII. Cardeal J.B.Staka.....207
XIX. Reino de Sangue.....217

Fazia cerca de um ano desde o funeral de Ângelo Trionic, o Barão de Wensi. O vassalo foi sepultado no interior da capela de Wensi, suas terras ao Sul do reino de Beznã-Ateriza. Devido à sua natureza sombria, Hugo von Sclotstendder, o segundo rei do Beznã-Ateriza, enviou, na época, seus outros vassalos para o representarem no último adeus do velho nobre. A ausência do rei no funeral não foi bem vista pela nobreza de Wensi que imediatamente começou a conspirar.

Desde então, as relações entre o monarca e os herdeiros de Trionic, que eram distantes e frias passaram a um estado glacial. Pela corte, corriam boatos de que cedo ou tarde uma rebelião dos três jovens barões de Wensi contra seu suserano resultaria na tentativa da independência de suas terras, o que geraria uma guerra civil entre o baronato e o reino, e assim os anos de paz que perduravam desde a morte de Hegon teriam fim.

Enganam-se aqueles que acreditavam que apenas as intrigas feudais eram a preocupação do jovem rei. Muito longe dali, o Cardeal J. B. Staka parecia incitar uma armada contra Beznã-Ateriza e seu rei aliado do diabo.

E, as luzes na idade das trevas, começavam a se apagar para Hugo.

Capítulo 1

OS VISITANTES DO REI

Uma noite primaveril como tantas outras em Mortigest. Não se recorda onde é? Bem, é o feudo ao Norte de Beznã-Ateriza, na borda do Vale das Trevas, que um dia pertenceu a Rosco - tio de Hugo - e posteriormente à Sophie e Bruno Beigon, agora seu castelo era a morada de primavera do Monarca e de sua corte.

Ali, Hugo conheceu e nomeou um conde: Arthur Pierr, o filho bastardo de seu tio Rosco. Nomeou-o como administrador de Mortigest, e elevou-o a classe nobre. Ao que Hugo sabia, aquele era seu único parente vivo. Pierr era um homem baixo, de pele clara e cabelos negros. Tinha um dos olhos mais escuro que o outro. Era silencioso e discreto. Embora nunca tenha estado em um campo de batalha, era um exímio jogador de xadrez e era conhecido por ter um raciocínio estratégico perfeito. Hugo o mantinha perto, ainda mais nos iminentes combates que estavam por vir, embora sempre evitasse falar disso, como lhe contarei logo mais.

Há muito tempo que o antigo castelão fora destituído e seu corpo jazia pendurado na encruzilhada para o Vale das Trevas encerrado eternamente no interior de uma gaiola. Ninguém soube ao certo quem o colocou ali, todavia, o jovem monarca não pareceu se incomodar com o destino do antigo aliado de seu finado pai.

Aquele lugar cheio de lembranças parecia ficar longe de qualquer outro que pudesse destruir a paz que Hugo von Sclotstendder parecia querer buscar para si. Era verdade que, desde a morte de Trionic, o monarca estava agindo mais estranho que o costume: raramente era visto

por seus criados, pouco comia ou bebia. Pouco recebia visitas e as pessoas que recebia em sua volta era Minna e seu conselheiro particular, um homem estranho chamado Ariel. Esse último era visto ainda mais raramente que Hugo e sua amante.

Toda vez que algum membro da corte alertava o rei sobre as iminentes ameaças, esse se evadia para seus aposentos e lá ficava praticamente isolado, tendo apenas Minna como companhia.

- Como estás, milorde? – perguntou Minna, retornando de um cômodo anexo, enrolada em uma toalha de linho branco.

Minna tinha mais de quarenta anos, mas sua aparência parecia estar parada no tempo: seu corpo se manteve bonito e jovial como era quando chegou ao castelo, prisioneira de Hegon. Assim como a juventude do rei, a de Minna era um mistério ao populacho: seria o fato de Hugo tê-la escolhido como sua concubina, teria a mantido jovem? Sim. Regularmente, o rei alimentava Minna com seu sangue, diluído em vinho, como costumava fazê-lo com Bruno Beigon. Talvez Bruno estivesse ali, vivo, com mais de sessenta anos e aparentemente jovem como na época em que Hugo o escolheu como seu homem de confiança e amigo.

Hugo estava deitado na cama, ainda nu, com os dedos cruzados sobre o peito. Seus olhos azuis estavam perdidos no teto arcado do cômodo. Seus cabelos vermelhos estavam espalhados pelos travesseiros contrastando com a roupa de cama e com a pele pálida do corpo do vampiro. Mantinha a mesma aparência jovial há mais de trinta anos...

O jovem rei pareceu despertar de seus devaneios com a chegada e a pergunta de Minna. Tinham se amado poucos instantes antes de ele ficar imerso em seus próprios pensamentos. A jovem deixou-o sozinho no quarto e acabava de retornar. Seu corpo estava úmido, a toalha de linho absorvia as gotículas de seu corpo bonito e sensual. Ela deixou a toalha cair e engatinhou sobre a cama, em direção ao vampiro. Aninhou sua cabeça no peito de Hugo. Ele acariciou seus cabelos e respirou fundo.

- Estou bem... – mentiu.

Durante os últimos meses, mal tocou ou tentou adivinhar sobre os poderes místicos das Cinco Joias, ou o paradeiro de Eglantine, sua mãe. Seria o peso da coroa grande demais que esmagou o verdadeiro Hugo?

Minna mordeu os lábios e ficou em silêncio. A jovem bem sabia que o rei mentia... Contudo, o que ela podia fazer para ajudá-lo?

- Por que não procuras Ariel, milorde? – arriscou ela, apoiando o queixo pontudo sobre o peito de Hugo, olhando-o nos olhos.

O jovem homem retribuiu o olhar da moça. Lia nele uma inquietude e uma vontade crescente de ajudar. O vampiro, por sua vez, sabia que pouco Minna poderia fazer em seu favor.

- Ariel está no norte... – Hugo fez menção de se levantar e esperou que a garota saísse de cima de si. Sentou-se na cama e caminhou desnudo até uma janela aberta. Olhou o vale sombrio se estender pelo horizonte. - Voltes para teus aposentos, Minna... – ordenou – Vou mandar selar meu corcel...

As palavras de Hugo eram ordens não questionáveis para Minna. Desde a noite em que ela decidira se entregar a ele quando a salvou – noite em que Hegon morreu – a jovem garota não ousava desafiar o vampiro tampouco contrariá-lo. Assim, ela se levantou da cama e enrolou-se na toalha. Saiu do quarto em silêncio, como se jamais estivesse estado ali.

Pouco mais de um quarto de hora, o rei saía sem escolta para cavalgar sob a luz da lua. Sentia o vento frio em seus cabelos e mantinha seu olhar perdido na noite. Sabia que cedo ou tarde aquele sentimento de angústia que se instalou em seu peito e que o sufocava desde a chagada daquele mensageiro notificando a morte de Ângelo Trionic desapareceria.

Hugo seguiu por um bosque, onde as árvores eram espaçadas e a luz da lua penetrava dentre as folhas e galhos com suavidade. Aquele era um lugar que gostava de visitar. Ficava cerca de doze quilômetros ao Sul do castelo, em direção à Yrzac.

- Você deve nos ajudar, Majestade. – murmurou uma voz vinda da escuridão.

Aquelas vozes. Eram mais e mais frequentes aos ouvidos do jovem vampiro. Sua visão apurada, contudo, em geral era impossibilitada de enxergar qualquer coisa que não o vazio da escuridão. Naquela noite, porém, algo se moveu.

Uma pessoa trajando uma longa capa vinha andando tranquilamente por dentre as árvores. Conforme se aproximava do vampiro, que a esta altura havia desmontado do corcel, ele percebia que o luar atravessava o corpo da criatura, como se essa fosse translúcida.

- Vida longa ao meu príncipe... – murmurou, ajoelhando-se frente a Hugo.

De fato, agora, há poucos metros de si, o vampiro percebia que a pessoa era estranhamente invisível. Quando olhou Hugo nos olhos, este a reconheceu. Sob seu pescoço uma grande fenda. Trajava um espectro de uma armadura de Beznã-Ateriza. Os longos cabelos e a barba por fazer poderiam ser características de qualquer homem comum. Contudo o olhar... aquele olhar começava a fazer sentido para Hugo. – Fiz o que ordenou, Alteza... Sempre esperei por sua visita...

- Beigon... – murmurou.

Bruno Beigon, ou o que sobrou daquilo que ele foi um dia, sorriu ao ser reconhecido. Ele havia morrido havia muitos anos, por obra de Hegon. O corpo jamais fora encontrado, embora sua cabeça tenha sido enterrada cuidadosamente na cripta dos Sclotstendder na mesma noite em que o antigo rei fora consumido pelas chamas e Hugo tornou-se rei. Bruno se referia a ele como príncipe... Decerto sua alma jamais soube o que ocorreu naquela noite... E pior, a oração que Hugo julgou ter ofertado para Beigon nunca teve seu efeito. Sua alma permanecia presa na terra.

- Beigon... eu... – respirou fundo, sentindo a angústia daquele maldito junho, apertar seu coração.

- Não diga nada, Majestade. Eu cumpri sua vontade com alegria. – interrompeu mantendo-se ajoelhado – Eu... só não consigo encontrar o caminho para casa, Alteza. O rei disse que depois de cumprir os juramentos eu poderia voltar. Mas... – olhava Hugo confuso – eu não consigo sair deste bosque. Acho que alguma feiticeira me encarcerou aqui...

Morto. Beigon estava morto e não sabia disso.

- Às vezes encontro um ou outro amigo por aqui, sabe? Outro dia mesmo Ângelo Trionic veio. Estava procurando seu falcão Dédalo. Estranhei porque Trionic estava de camisola, e sua aparência não era das melhores... Mas assim como ele veio, ele se foi. Ele parecia doente ou minguando de alguma coisa...

Os fantasmas, almas ou mesmo espectros de antigos amigos de Hugo estavam vagando por aí. Maio era o mês em que as almas deixavam o mundo dos mortos, ao menos era o que acreditavam os contemporâneos de Hugo, inclusive ele mesmo. Será que por isso aquelas vozes espreitando-o? Decerto.

- Fique tranquilo, Beigon. – desta vez quem interrompeu foi o vampiro – Trionic, você e muitos outros encontrarão sua paz quando conseguirmos colocar tudo em seu devido lugar.

- E como fará isso, Alteza? Eu gostaria de ajudá-lo...

- Você poderá me ajudar... Preciso encontrar Trionic antes de tudo.

O fantasma de Bruno Beigon mantinha aquele olhar maravilhado fixos em Hugo. Ao ouvir o pedido de seu rei, de forma mecânica indicou um ponto entre as árvores.

- Ali... ele costuma estar ali. Vá Alteza, eu ficarei aqui, garantindo que ninguém o atrapalhará em sua conversa com o velho Trionic.

Beigon colocou-se em posição de vigília. Seria inútil dizer qualquer coisa a ele. Assim, Hugo caminhou até o local indicado, desviando de obstáculos, como troncos caídos, arbustos e rochas. Chegou a uma clareira em que mais de uma vez ele esteve com Ângelo Trionic. Ali, depois de um longo dia de caçadas, sentavam-se Trionic, Hugo e outros cavaleiros, dentre eles, Beigon, para saborear a caça.

Ângelo Trionic ou seu fantasma, como preferir, estava sentado sobre um rochedo. Usava um camisolão de aspecto gasto. Escondendo seus poucos cabelos numa touquinha também do mesmo tecido da camisola. Trionic tinha olheiras profundas e os lábios escuros. Descendo em direção ao bigode curvado que usou em vida, um filete de sangue. Os olhos claros e espectrais de Trionic miraram Hugo assim que o cavaleiro o viu se aproximar. Imediatamente ele se levantou.

- Majestade! – exclamou sorrindo... e segundos depois seu sorriso dissipou – Ele não voltou Majestade...Dédalo, meu falcão de caça. Não posso voltar para casa sem ele. – lamentava-se enquanto olhava para a copa das árvores com atenção.

- Trionic... Eu o ajudarei a procurá-lo e você poderá descansar em paz.

- Sempre bondoso com os velhos amigos, meu jovem rei! – sorriu Trionic.

Hugo conhecia sua natureza: era um vampiro, seu corpo estava morto, mas o que restou de sua alma vivia dentro de si. Ele tinha limitações, mas algum poder de escolha. O livre-arbítrio. Já, Beigon e Trionic, perderam seus corpos, e suas almas ficaram presas naquele mundo. Não tinham escolha se não pagar penas pesadas por crimes que talvez não tivessem cometido . Beigon procurava a paz, servindo Hugo. Trionic simplesmente queria descansar depois de um dia de caça.

- Diga-me, meu velho Trionic, o que fazias antes de vir para cá?

Trionic deixou de procurar nas árvores seu falcão e olhou para ele com alguma surpresa.

- Eu... – iniciou hesitante – Eu jantava com meus filhos. Eles são bons meninos, Majestade. Um deles insiste que nos separemos de Beznã-Ateriza, e eu sempre o desencorajo. – seu sorriso tinha um aspecto preocupado – Mas não se alarme, meu querido rei. Enquanto eu estiver vivo, ninguém se levantará contra ti ou contra nossa amizade de tantos anos! – disse em tom solene. - Diziam que eu estava fraco demais e meus filhos mandaram o cozinheiro me fazer um caldo reforçado. – sorriu – Um caldo com folhas de uma planta vinda da África... Como chama? – pensou por instantes – Leandro... Não, não, era... Loendro. Isso, Loendro. Ela tem flores tão belas... São rosas como a face de uma criança pequena.

Mal sabia Trionic, que naquele exato momento, corriam boatos pelos reinos de que os descendentes dele começavam a preparar um ataque contra a Beznã-Ateriza. Hugo ouvira falar. As palavras do velho, relatando o que fazia antes de decidir procurar o falcão. “Loendro” - repetiu mentalmente.

Procuraria no grande livro dos Mortigest sobre esta planta, ao regressar ao castelo.

- Por que o interesse, Majestade? – perguntou o fantasma, ao perceber Hugo pensativo.

- Curiosidade, apenas. – respondeu quase que imediatamente – Vou regressar para o castelo, Trionic. Verei se Dédalo não regressou aos seus aposentos, ou algo parecido...

- Sim, Majestade, faça isso! – sorriu ele com gratidão nos lábios – Caso o encontre, liberte-o e ele regressará para mim!

- Eu farei isso. – respondeu com sinceridade.

Afastou-se da clareira em direção onde antes estava Beigon, mas não o encontrou. Suspirou. Gostaria de ter se despedido do amigo. Caminhou até seu cavalo que pastava despreocupado. Hugo o invejava: gostaria de poder ingerir alimentos, mesmo sendo um vampiro.

Azrael havia renascido com o Dom, desde o ataque dos mortos-vivos no Vale das Trevas, e ainda assim se mantinha intacto: pastava, saia ao sol, mantinha-se como o melhor reprodutor da região... Talvez Deus tivesse planos para cada criatura. Hugo, limitado em sua vampirice sabia que era incapaz de sair ao sol, ingerir alimentos... e gerar descendentes. Minna e ele tentavam havia alguns anos em vão. Hugo sabia que cedo ou tarde, seus

aliados começariam a reparar que seu rei não tinha filhos, tampouco envelhecia... E tudo poderia ficar ruim para si.

Pensativo, retornou cavalgando por uma trilha. Pensava em o que fazer e como fazer para ter alguma vantagem sobre seus possíveis inimigos e, acima disso, como poderia ajudar seus antigos aliados, que agora vagavam penados pelo mundo dos vivos.

- Acho que descobri quem poderá nos ajudar, Bonne, o ancião. – disse Hugo à Minna que o esperava com expressão preocupada nos portais de entrada do grande prédio de pedra que era o castelo – Ele talvez saiba o que fazer...

Bonne era um antigo amigo dos Sclotstendder, um vampiro erudito e estudado. Desde sempre, talvez até antes de seu nascimento, Hugo sabia que o velho vampiro fizera morada em um feudo ao Sul, em Yrzac, que também pertencia ao reino de Beznã-Ateriza. Aquele vampiro era conhecido por ter alguma influência na Casa Papal e isso poderia lhe dar alguma vantagem, seja contra o Cardeal ou contra os herdeiros de Trionic e a baronesa. Hugo não percebeu certa apreensão e temor no semblante e olhar de Minna, assim que ele citou o nome do vampiro que desejava consultar.

- Milorde, ele já está aqui! – murmurou ela ao ouvir as ordens de Hugo – O ancião e seu pupilo estão aqui. Chegaram há pouco, em uma carruagem com o emblema de um leão prateado com um camundongo sentado sobre a juba, símbolo de Yrzac.

Para o rei aquilo não era algo digno de surpresa. Lembrava-se de seu pai reclamar com Eglantine, uma vez em que ela citou o velho Bonne em uma madrugada, e na noite seguinte, pouco depois do pôr do sol, receberam a visita do ancião. Outro exemplo clássico da onisciência do ancião ocorreu quando Hegon começava a ficar insatisfeito com os comentários que corriam pela corte sobre o futuro casamento do príncipe. Poucos dias depois, um mensageiro trouxera uma carta com notícias acerca do casamento entre Hugo e Hemillia, assinada pelo velho Bonne.

- Diga-lhes que os encontrarei em breve, meu bem. – sorriu Hugo, tomando uma das mãos de Minna e beijando-a em seguida.

Ela acenou afirmativamente para seu rei e logo cruzou os portais, desaparecendo em meio aos corredores. O vampiro subiu para seus aposentos. Lá, ele se banhou, por ser um dia especial, e vestiu roupas

bonitas. Colocou sua coroa e atravessou o castelo, acompanhado de suas camareiras até o salão em que estavam seus convidados.

Ao adentrar no salão, Hugo logo os localizou. Eram figuras bem distintas como poderemos ver: O primeiro era um homem de idade avançada cabelos e barbas brancas, trajava uma elegante toga romana, assim como algumas joias de época e um cajado que lembrava muito um estandarte de legiões romanas. O rosto do velho era duro. Nariz grande e aquilino. Seus olhos eram cinzentos e frios. O segundo era um sujeito baixo, trajando roupas da moda do século X – calças de linho, uma toga larga e capa sobre ela - em tons azuis. Seu rosto era redondo. Nariz arrebitado e olhos grandes e azuis como a roupa que vestia. Seus cabelos eram cuidadosamente lambidos à cabeça e partidos ao meio, possivelmente ensebados demais. Figuras distintas, sem dúvida.

- Soube que desejava me ver, Majestade... – iniciou o velho curvando-se para Hugo, de forma submissa. Logo, o velho golpeou seu companheiro com o cajado, para reverenciar o monarca também. Titis, a princípio enfiava o dedo no nariz e, com a boca aberta, cutucava a cavidade nasal com interesse. Parou apenas quando Hugo entrou. Acenou alegre para o jovem vampiro, mas logo foi forçado a se curvar, quando Bonne golpeou com força a parte de trás de seus joelhos com o cajado fazendo com que caísse ajoelhado.

- Isso dói! – protestou.

- Cala-te, idiota... – grunhiu o velho romano e logo se voltou para Hugo.

- Não há necessidade para formalidades... – apressou-se Hugo, que até então assistiu a cena dos dois.

Ele abraçou Bonne com força e alegria e em seguida foi abraçado por Titis. A cabeça do pequeno vampiro alcançava a barriga de Hugo, que se sentiu como abraçasse uma criança.

Logo os três estavam sentados num terraço do castelo sob a luz do luar e de archotes que ardiam lenha e incenso. O jovem vampiro não se recordava quanto tempo se passou desde a última vez que os viu. Quem sabe uns vinte ou trinta anos?

- Faz exatos vinte e oito anos, meu rapaz... – respondeu Bonne, depois de alguns segundos de silêncio – Sim, estamos como antes, já você... bem, desde a noite em que o conhecemos, transformou-se em um de nós apenas dois anos mais tarde. Posso dizer que ainda era um rapazote...

Hugo riu. Bem sabia que Bonne tinha habilidade de ler a mente das pessoas.

- Sim... Lembro-me de quando achava que Titis era uma criança...

- Não sei por que te orgulhas disso. – resmungou o baixote, com sua voz desafinada – Não sabes como é custoso impor respeito à minha pessoa, com este tamanho... - lamentou-se amuado.

- Não seja ridículo, Titis... Bem sabemos que não nos incomodam exatamente por acharem que você não é um risco... – resmungou o velho - Sempre lhe digo que sua frouxidão é uma virtude...

Ele pareceu não gostar muito do que ouviu. Resmungou baixinho, tal qual uma criança de nove anos quando contrariada e, por fim, cruzou os braços, emburrado. Hugo preferiu não associar os dois a um par de velhos rabugentos, mas isso foi impossível.

- Velhos rabugentos? – repetiu Bonne – Pense o que quiser rapaz... - ofendido – Acho que viemos até aqui para resolver o seu problema, não é? – "Não para sermos chamados de velhos rabugentos..." completou mentalmente.

- Desculpe... - envergonhou-se Hugo. Por fim, passeou seus olhos pelo terraço. – Preciso de conselhos, Mestre Bonne... – iniciou.

Um risinho baixo e abafado começou a ganhar volume e logo Titis mal conseguia conter os risos e lágrimas, escondendo o rosto nas mãos.

- Velhos rabugentos! – repetiu ele, rindo divertido, do que Bonne achou uma ofensa – Velhos rabu... - não conseguiu completar e voltou a rir.

- Por que você não vai dar uma volta, Titis? – perguntou o ancião – Venha... – levantou de sua cadeira e ergueu o nanico colocando-o no chão. – Vá procurar quem o divirta... Tenho assuntos para tratar aqui com Hugo.

O vampiro anão gostou da ideia. Seus risos foram desaparecendo à medida que ele corria , com passos curtos e desengonçados, pelos corredores do castelo. Por hora nem Hugo ou Bonne seriam interrompidos pelo vampirinho frouxo.

- Deve estar querendo saber o que fiz para estar vivendo e cuidando de Titis, não é? Acho que meu passado tem muito a ver com isso... Aconselhei um tal de Herodes a matar criancinhas. Havia profecias, e meu desejo por sangue novo me incentivava... Surgiu um homem que dizia ser filho de Deus. Meus deuses corriam risco de serem esquecidos e, de alguma forma isso me colocaria em vantagem. Contudo, as coisas saíram erradas. Estive perto daquele homem, depois que seu povo o condenou e

aconselhei um tal Pilatos a dar aos hebreus seu Barrabás e lavar suas mãos. Depois, bem depois, aconselhei imperadores a caçar aquela nova "fé". Indaguei Jorge da Capadócia sobre a Verdade. Assisti aos cristãos serem devorados por leões... E quando a minha fé já não mais existia, eu me vi sozinho. Acho que alguém lá em cima decidiu me fazer pagar por isso... E colocou Titis, o frouxo, em meu caminho. – respirou fundo – Desde que o monastério em que morei foi destruído por bárbaros do norte, vivi escondido no Vaticano... – seu olhar estava perdido nas estrelas – Não sabe o quanto li naquela bela biblioteca... – sua voz estava embargada de saudades.

O jovem vampiro ouviu Bonne, o Velhaco, como o chamavam, embora ele nitidamente não gostasse de ser identificado assim, falar e falar. Não imaginava que o velho vampiro tivesse influenciado alguns fatos que guiaram e consequentemente influenciaram a tão temida Igreja Cristã. Talvez, se ele não tivesse existido, ou não recebido o Dom, talvez as coisas fossem diferentes... Talvez. "E se", eram palavras que vinham à mente de Hugo sempre que se lembrava daquele junho tão terrível no qual sofreu tantas perdas.

– Infelizmente tropecei em meu caminho com seu tão "querido" Cardeal J. B. Staka... Ele me expulsou do Vaticano, depois que foi expulso. O Cardeal tinha motivos para me detestar... Mas isso não vem ao caso. – um sorriso maldoso nasceu em seus lábios – Eu tinha ouro, comprei uma liteira e escravos que me trouxeram até Yrzac, onde encontrei Titis perdido pelos campos: herdeiro das terras de seus pais, covarde e infantil demais para ocupar o cargo de barão, e enlouqueceu ao se ver nesta posição.

- Desculpe-me, Mestre Bonne... Mas por que o Cardeal?

- Ainda não é hora. – interrompeu o velho. Pigarreou - Eu transformei Titis e o ensinei – ou ao menos tentei – a fazer tudo o que nós sabemos fazer... Não creio que o pequeno sobreviva sem minha proteção... Assim, cuido dele e de mim... A gente de Titis era muito rica e influente... Usei desta influência para nos colocar a salvo, sabe? – perguntou a Hugo, olhando-o nos olhos – Não sei se ainda ouço o grito das crianças mortas por Herodes, ou se vejo a sombra daquela enorme cruz nos campos... Mas isso não é desculpa para não fazer nada... Eu não me escondi atrás disso para justificar o que não sabia fazer. Acho que deveria fazer o mesmo, Hugo. Sabe o apreço que tenho por sua linhagem, não é? Seus avôs sempre foram muito amigos meus, tanto Gabor, o Valente, como Eiliot de

Mortigest. Com cada qual eu tive alguma proximidade distinta: com seu avô paterno, interesse na arte da guerra e, com seu avô materno tínhamos interesse nas artes da escrita. Trocamos bons favores, com Eiliot, dei prestígio com os imortais em troca de sua literatura. Com Gabor, troquei meu conhecimento militar em troca de seu mais precioso tesouro. – sorriu ele satisfeito – E os fiz se conhecerem uma vez e daquele encontro nasceu você, hoje o rei de Beznã-Ateriza. – pausou - Deve ir atrás de seus assuntos pendentes. – pausou novamente. Seu olhar era frio e severo – Deixe que os pajens gritem ao cair do abismo, ignore às provocações da alma perturbada de seu pai. Faça o que deve fazer, rapaz... Temos a eternidade para pagar pelos nossos erros, mas há coisas que devem ser feitas agora.

A amizade de Bonne com os avôs de Hugo, pessoas muito distintas e opostas – segundo diziam – era algo que até aquele momento o jovem rei jamais compreendeu. Tinham acordos, favores e pagamentos. Talvez, por isso Bonne estava ali, e sempre esteve como um bom amigo da Família.

E ele tinha razão: não adiantava lamentar pelos seus queridos amigos perdidos, ou se deixar levar por um terrível peso que trazia em sua mente. E o que Hugo perguntaria ao ancião foi esquecido, naquele momento.

- Tem razão, Mestre Bonne... – murmurou, por fim, e levou seu olhar, que até então vagava pelo chão de pedra do terraço, aos olhos do romano – Não sei por onde começar...

- Não sabe? – repetiu o velho – Acho que deve se preparar para uma guerra, meu rapaz. Ouvi falar que Hemillia reuniu um bando de mercenários, além de se aliar aos três barões de Wensi, e planeja atacar o castelo de sua mãe. Aconselharia que deixasse estas terras e retornasse ao feudo em que nasceu. – comentou baixo, como se houvesse alguém ali que não deveria saber da conversa além de ambos – Ouvi que seu juramento encorajou a jovem hebreia a organizar um bom número de mercenários... Acredito que ela se vê imune a você, meu rapaz. Às vezes, a melhor forma de se proteger é manter seu inimigo muito próximo...

Apático, Hugo estava abrindo mão de viver os preciosos momentos daquela vida que planejou ser tão serena como monarca... Naquela estação faria mais outra década que se tornou rei. Era bem verdade que pouco fez para merecer aquela coroa: não promoveu a prosperidade esperada por seu povo, mas deixou que tudo fluísse como a água de um regato estável. Esta estabilidade serviu como aríete à Hemillia que pareceu querer pegá-lo

desprevenido. Como se os inimigos iminentes não fosse o suficiente, a baronesa decidia adentrar o cenário em um ataque, que poderia ter sido surpresa.

- Como posso retribuir os conselhos, Mestre? – adiantou-se Hugo. Não sabia ao certo como Bonne agia na época de seus pais e, naquele momento, ele não queria sentir-se um tolo ou mesmo um grosseiro.

O velho romano riu alto e bateu com seu cajado no chão.

- Não pensava em colher frutos agora, meu rapaz... Mas já que me oferece algo... - pareceu pensar um pouco – Poderia me ceder um livro da coleção particular de teu tio Rosco? – com uma naturalidade incabível naqueles segundos de reflexão que antecedeu o pedido.

Hugo desconhecia qualquer coleção de livros de seu finado tio. Porém, como bem sabia que seu avô era um amante dos livros e da Literatura Antiga, decerto tio Rosco também herdara alguma parte importante da biblioteca do Monastério.

- Desculpe-me... Mas não sei sobre...

- Evidente que não saiba... – sorriu de forma paternal – Peço que permita que eu visite o monastério antigo... - fez menção de se levantar. Seus ossos estalaram – Maldita idade o Dom me agraciou com algumas habilidades, mas nenhuma delas me faz deixar de sentir dores nas juntas... - suspirou.

- Fique à vontade para visitar o monastério, Mestre Bonne.

- Irei amanhã. Desejo acomodações na capela... E uma virgem como jantar. – sorriu o velho com tranquilidade – Posso cear em meus aposentos?

Hugo sorriu e acenou positivamente com a cabeça.

O rei chamou um criado que logo surgiu de forma servil. Instruiu-o a acompanhar Bonne à capela – lugar onde Hugo não ousava entrar desde que descobriu que aquele lugar podia-lhe ser danoso – enquanto ele mesmo cavalgaria até a vila em busca de uma virgem que satisfizesse o velho vampiro.

Aquela noite seria a mais longa que Hugo viveu até então.

Acesse Editora Multifoco ou o site Oficial de Hugo o Vampiro para adquirir o livro Hugo o Vampiro – Reino de Sangue!